

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA
E HISTÓRIA NACIONAL

PRISCILA COSTA PEDROSO

**VALÊNCIO XAVIER E A REALIDADE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO
FICCIONAL**

CURITIBA

2016

PRISCILA COSTA PEDROSO

**VALÊNCIO XAVIER E A REALIDADE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO
FICCIONAL**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná para a obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

CURITIBA

2016

PRISCILA COSTA PEDROSO

VALÊNCIO XAVIER E A REALIDADE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO
FICCIONAL

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 6 de dezembro de 2016.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - UTFPR
Orientador

Profa. Dra. Anuschka Reichmann Lemos - UTFPR
Avaliadora

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida
Avaliador

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa nunca pode ser desenvolvida de maneira solitária, ela sempre requer a participação do outro. Para tanto devo agradecer a todas aquelas pessoas que de alguma forma colaboraram para a construção dessa discussão científica. Posso começar por aqueles que me inspiraram a partir das construções de pensamentos que antecederam este trabalho; aqueles que me ofereceram dados e perspectivas. Também devo agradecer à minha mãe que me ofereceu aporte financeiro e emocional para que eu pudesse ingressar no mundo acadêmico. Além de todos aqueles que fizeram e fazem parte dessa jornada, incluindo a figura que complacentemente aceitou me orientar na organização das ideias aqui apresentadas. Mas devo agradecer principalmente aos meus filhos, que mesmo sem saber, me impulsionam nessa jornada do conhecimento. Agradeço a todos.

RESUMO

COSTA, Priscila. Valêncio Xavier e a realidade a partir da construção ficcional. 2016. 33 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

Este trabalho apresenta uma abordagem exploratória sobre a literatura multifacetada de Valêncio Xavier, que mistura imagens e elementos reais para a construção ficcional. A narrativa trazida de influências dadaístas do autor é um convite a compreensão daquilo que vai além do que está claramente posto e só pode ser lida também de uma perspectiva multifocal – configuracional. No conto publicado em 1998, “Minha história dele”, Valêncio dá voz a um imigrante fotografado no centro da cidade de Curitiba e que convida a entender quem é o personagem ali descrito, pela perspectiva do autor e pela do próprio leitor, que a partir das informações colocadas, vai poder criar sua própria história dele.

Palavras-chave: Literatura. Fotografia. Imigração. Valêncio Xavier.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. SOBRE A VOZ QUE NARRA.....	9
3. UM NOVO ESTILO LITERÁRIO.....	13
4. O OUTRO.....	16
5. A REPRESENTAÇÃO DE UM REAL OCULTO A PARTIR DO PERSONA- GEM DE XAVIER.....	23
6. IMIGRAÇÃO ASIÁTICA NO PAÍS.....	26
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
8. REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O modelo de escola presente na construção da sociedade brasileira atual acentua uma segmentação disciplinar que nem sempre pode ser considerada como eficiente. Isso porque pode deixar de lado aspectos que, muitas vezes, caminham juntos e quando são abordados de forma separada tendem a dar outro sentido ao que está sendo posto. Tendo em vista que esse modelo não é exclusivo do Brasil, mas um reflexo de ideias que seguem desde Descartes, onde o conhecimento foi dividido em dois campos: sujeito e objeto, a pesquisa que segue pretende ir na contramão dessa perspectiva mecanicista, não desconsiderando a sua possível importância para a viabilização da disseminação do conhecimento e, além disso, sabendo também não ser possível apreender todos os aspectos que formam determinada configuração do real, mas apenas um determinado recorte do mesmo – podendo ser esse amplo ou reducionista.

Embora o trabalho não tenha por intenção discutir os méritos ou desvantagens dessa abordagem teórica, ela foi exposta para justificar a construção que será apresentada, onde literatura, história, psicologia e sociologia se mesclam para explicitar um pequeno fragmento do trabalho do autor Valêncio Xavier e a configuração na qual o conto abordado se insere.

A junção dessas ciências pode, em certa medida, auxiliar na compreensão daquilo que compunha os mecanismos de intercâmbio simbólico do autor, visto que este combinava linguagens para transmitir suas mensagens. Esse hibridismo, presente na construção de Xavier, só pode ser explicado da mesma forma para além daquilo que está posto.

Nessa medida, a proposta colocada é de uma análise dos elementos que estão apresentados no conto e daquele que deu origem ao mesmo, a imagem fotográfica de um estrangeiro que carrega uma placa, que é interiorizado pelo autor, ressignificado e exteriorizado a partir de elementos que se combinam. Para isso é necessário entender de quem é a voz que reinterpreta essa imagem, qual o contexto social deste agente e as circunstâncias que rondam a própria imagem que serve de inspiração ao autor, sendo assim possível desmembrar o título do conto “Minha história deles”, apresentando o intérprete referido no pronome possessivo *minha* (sabendo que o pronome é indicativo

de posse, pretende-se elucidar quem é o sujeito ao qual a palavra *minha* se refere) a *história* em si (tanto a narrada como a conjuntura social existente no momento da construção) e o segundo pronome possessivo *dele* - representando também o pertencimento daquele que se apresenta na imagem, que deverá ser elucidado ao longo do trabalho. Aqui ficção e realidade caminham juntas para compor um contexto social, que nada mais é que a ressignificação do autor para um elemento que foi parte de sua vivência.

1. SOBRE A VOZ QUE NARRA

Trânsito pode ser uma palavra-chave para decifrar como se constrói o percurso deste que narra. Valêncio Xavier Niculitcheff nasceu em São Paulo, em 1933, e veio para Curitiba em 1950. Passou parte da juventude na França, onde tomou conhecimento de nomes importantes do dadaísmo e do surrealismo, como Marcel Duchamp e Hans Arp, além do fotógrafo Henri Cartier Bresson. Essas influências que estão diretamente vinculadas à ruptura com a cultura tradicional do século XIX, baseadas na falta de ordenamento lógico ou na valorização do inconsciente e dos sonhos¹, podem ser percebidas nos trabalhos de Xavier, que foi premiado justamente por dar forma a uma nova maneira de contar histórias, em narrativas que mesclaram imagem, ficção e elementos da realidade.

A movimentação na trajetória do autor está principalmente nas funções que desenvolveu profissionalmente. Mesmo tendo cursado apenas dois anos na Escola de Belas Artes de Curitiba, sem concluir nenhum curso superior, atuou em diversas áreas. Ele foi pioneiro na televisão brasileira, trabalhando ao lado de figuras conhecidas nacionalmente, como Silvio Santos e Jô Soares. Dentro da esfera televisiva exerceu múltiplas funções: foi cenógrafo, redator, produtor, diretor, escreveu capítulos para o teleteatro da TV Paraná - *Histórias que a Vida Conta*, compondo exposições que acabaram ficando famosas. Participou das primeiras transmissões da TV Paraná Canal 6 e da TV Paranaense Canal 12, e permaneceu na televisão até 2000, embora suas contribuições não se restringissem a esse segmento.

Valêncio não foi pioneiro apenas na televisão paranaense, o multifacetado artista foi responsável por incluir a capital no circuito nacional de cinema, antes integrado apenas pelo eixo Rio-São Paulo. A história do escritor com a sétima arte começou em 1970 e já em 73 foi convidado pelo jornalista Aramis Millarch, então presidente da Fundação Cultural de Curitiba, a participar da criação da Cinemateca do Museu Guido Viaro, hoje Cinemateca de Curitiba,

¹ Resumindo de maneira bem simplória o que os movimentos surgidos na primeira metade do século XX representaram, apenas para contextualizar as influências do autor.

onde foi também diretor (instituição inaugurada em 75, ainda no período da ditadura militar). Lá, ele foi responsável pela restauração de obras que marcaram o início do cinema na cidade: *Despedida do 19º Batalhão* (1910), de Paschoal Segretto; *Pátria redimida* (1930), de João Batista Groff e *Panorama de Curitiba* (1909), de Annibal Requião. A casa foi fundada com os objetivos de incentivar a própria restauração, a pesquisa e a divulgação do cinema paranaense, assim como possibilitar a divulgação e exibição de filmes artísticos e também para incentivar a produção cinematográfica local (BORBA, 2009, p. 157).

E foi numa segunda fase da Cinemateca que o espaço se voltou para a produção como objetivado desde sua criação. Esse foi um marco da direção de Valêncio à frente da casa, que promoveu cursos onde os alunos eram incentivados a realizar filmes, dando margem para a formação de realizadores como Elói Pires Ferreira, Berenice Mendes e dos irmãos Schumann.

A primeira obra cinematográfica dessa figura, há tempos engajada com o cinema, foi distribuída em 1976, ficando Valêncio com o encargo da produção de *A visita do velho senhor*, ele colaborou para a realização desse curta-metragem experimental dirigido por Ozualdo Candeias. A película tratava sobre um conto gráfico de Poty Lazzarotto, sendo o tema um insólito encontro de amor, publicado na Revista Panorama, na qual Valêncio também escrevia.

Em 1979 dirigiu *Caro signore Fellini*, um filme construído sobre o pretexto de apresentar a cidade de Curitiba ao cineasta italiano Federico Fellini. O curta-metragem experimental aborda aspectos da cidade como desigualdade, crenças, visão de “mais bela cidade do mundo”, frase presente numa das claquetes do filme, tratando de mostrar que é a posição que cada um ocupa que constrói o olhar sobre a cidade, como numa segunda claquete onde está presente o dizer “um musical a seu gosto”, deixando claro que tudo depende dos aspectos que cada indivíduo pretende voltar sua atenção. Classificado pelo Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro como “uma curiosa visão da cidade de Curitiba no final dos anos de 1970, mostrando uma cidade onírica e também grotesca, nos seus mais variados segmentos”, recebeu o prêmio de melhor filme de ficção na Jornada de Curta Metragem, na Bahia.

Ainda falando sobre o cineasta, Valêncio fez obras como *O monge da Lapa*, 1980. O média-metragem tratou sobre a guerra do Contestado e a

trajetória do monge João Maria e seus seguidores, figura importante do conflito que aconteceu no estado do Paraná e de Santa Catarina na metade do século XIX. A figura retratada na obra é tão emblemática que foi construído um santuário em sua homenagem na cidade da Lapa.

No mesmo ano produziu um documentário que mostrou o drama indígena da reserva de Mangueirinha, vivido depois da morte do cacique da tribo do interior do Paraná. Três anos depois fez uma adaptação do conto *O corvo*, de Edgar Allan Poe, mostrando que o intercâmbio entre imagem e literatura continua a perseguir suas obras.

Já na década de 90 dirigiu um documentário com elementos ficcionais sobre a Colônia Cecília, *O pão negro – um episódio da Colônia Cecília*, também uma adaptação de textos, agora do anarquista Giovanni Rossi, fundador da colônia. A pesquisa e tradução dos textos foram feitos pelo próprio Valêncio, e a narrativa foi construída a partir de uma mistura de ficção e realidade, marca das produções nas diversas áreas em que o artista atuou, a montagem contou com a interpretação de atores, trechos compostos por animações e depoimentos de descendentes dos fundadores da colônia, numa mescla de linguagens que ajudam a contextualizar a realidade, que, assim como sua obra, é possuidora de muitas faces.

Ainda se voltando para histórias baseadas em fatos reais ele dirige em 1995 *Os onze de Curitiba – todos nós*, um filme que conta a história de onze pessoas que foram privadas da liberdade em março de 1978 por serem acusados de ensinar marxismo para crianças da pré-escola, com idade máxima de 6 anos. Esses personagens eram pais e professores desses alunos interpretados pelos próprios protagonistas que viveram a história e assim como o acontecido nos porões da Polícia Federal durante a prisão e os interrogatórios, voltaram a dar seus depoimentos, que na edição foram combinados com poemas de Hamilton Faria, escritos na época das prisões. Essa montagem documental rendeu-lhe o segundo prêmio na Jornada da Bahia.

Sempre compondo com narrativas distintas, sua última obra cinematográfica não poderia ser diferente, Valêncio continua mesclando elementos para formar uma verdadeira constelação do real, que mesmo representado a partir de histórias ficcionais carrega sua crítica própria sobre o

mundo que o cerca. Em 1996 dirige *Nascimento, Vida, Paixão e Morte de Cristo*, um filme que tem como enredo a história sobre a chegada de Jesus Cristo às praças e avenidas de Curitiba, o personagem principal é vivido por Inri Cristo, uma figura emblemática da cidade, que se autointitula a própria reencarnação de Cristo. A montagem é feita por imagens captadas no centro da capital paranaense, além de trechos de outras filmagens feitas nos primórdios do cinema e que tratavam sobre a vida de Jesus, todas do fim do século XIX. Todos os personagens foram interpretados por pessoas comuns, a exemplo de João Batista, feito por um mendigo, Maria e Jesus quando menino são representados por uma andarilha e seu filho e as Salomés são adolescentes dançarinas encontradas por acaso pelo realizador.

Ao mesmo tempo que Valêncio se dedicou à produção cinematográfica ele continuou fomentando a pesquisa e a divulgação do cinema local e latino-americano, realizando projetos como Cineamericanidad, na Cinemateca do Museu Guido Viaro, que tratou sobre os 500 anos da descoberta da América. Foi sócio, membro consultivo e presidente (1996-1998) do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.

A participação de Valêncio nas telonas ainda foi além. Cinco anos depois de sua morte foi exibida a própria história de sua vida nas salas de cinema da cidade que tanto o artista retratou: *Muitas vidas de Valêncio Xavier* foi um documentário dirigido por Beto Carminatti, cineasta que em 2008 dividiu a direção de *Misteryos* com Pedro Merege, adaptação da obra literária mais reconhecida do artista: *O mez da gripe*. E é sobre essa e outras obras literárias que trataremos a partir de agora.

2. UM NOVO ESTILO LITERÁRIO

Nenhum indivíduo está dissociado de seu tempo e espaço. Com Valêncio não poderia ter sido diferente. Mas o “homem de cinema”, como se auto-intitulava, transpareceu como poucos em sua obra literária as mudanças sociais com as quais conviveu. Expandindo a escrita, foi responsável por inaugurar um gênero literário inovador, onde a palavra e a imagem carregam a mesma importância para a construção da mensagem (ROCKER NETO, 2008).

Essa nova valorização da imagem na escrita literária está diretamente ligada a sua dedicação e experiência com o mundo do cinema, já mensuradas nas páginas anteriores. Mas a importância crescente da imagem nas comunicações não esteve presente apenas em seu trabalho, longe disso, embora este tenha feito muito bom uso da mesma. De acordo com Borba esse espaço ocupado pela imagens é historicamente construído e modificado:

[...] das pinturas nas cavernas, praticamente ocultas, chega-se à materialidade da imagem em outdoors agressivos ou à virtualidade das imagens informatizadas. Das bibliotecas escondidas nos mosteiros – misto de sedução e perigo – chega-se quase à sonhada biblioteca universal, que agruparia todos os livros produzidos pelo homem. (...) se o livro era um recurso para situar a memória humana fora do homem, ampliando-lhe a difusão e a permanência, os recursos da multimídia possibilitam a visualização do livro como uma máquina que torna o pensamento visível na sua elaboração. Dessa forma, o próprio livro se faz imagem. (BORBA, 2009, p. 26)

Diante dessa nova importância que adquire a imagem para a construção textual, Valêncio mescla ficção com fragmentos da realidade e convida o leitor a explorar essa narrativa não linear, que pode contar com notícias e anúncios de jornais, uma fotografia, além da intervenção gráfica nas páginas que montam a própria literatura do autor.

É uma textualidade que se pode chamar de hipertextual, que se evidencia numa escritura de construção não-linear que incorpora códigos que se entrelaçam para formar um mosaico literário pós-moderno. Um legado também de experimentação com a linguagem e de expansão dos limites da escrita, por meio da qual se percebe claramente a necessidade de representar a realidade do ponto de vista da multiplicidade. É a escrita como reflexo de um homem do seu tempo. (ROCKER NETO in REVISTA CÂNDIDO, 2013, p 13-14).

Desde 1963 os textos do autor começaram a ser publicados em revistas, jornais e pequenas editoras, sendo o primeiro deles o conto *Acidentes de trabalho*. Textos que receberam influência de escritores como Agatha Christie, Alain Robbe-Grillet, Dalton Trevisan, Edgar Allan Poe, Monteiro Lobato, Orson Welles, Sebastião Nunes e o italiano Elio Vittorini, que foi inclusive traduzido por Xavier em parceria com Maria Helena Arrigucci, sendo a primeira edição do escritor italiano lançada em português.

Na sequência publicou *Desembrulhando as balas Zequinha* (Payol, 1973); *Curitiba, de nós*, em parceria com o artista plástico Poty Lazzarotto (Fundação Cultural de Curitiba, 1975); também pela Fundação lançou o *Mez da Gripe* (1981); *Maciste no inferno* (Criar, 1983); o conto *O minotauro* (Logos, 1985); os contos *O mistério da prostituta japonesa & Mimi-Nashi-Okhi* (Gráfica e Módulo 3, 1986); a crônica *A propósito de figurinhas* (Studio Krieger, 1986); *novela-rébus Meu 7º dia* (Ciência do Acidente, 1998); o romance *Minha mãe morrendo e o menino mentindo* (Companhia das Letras, 2001); o livro de contos *Crimes à moda antiga* (Publifolha, 2004) e *Relembanças da menina de rua morta nua e outros livros* (Companhia das Letras, 2006), obras citadas por Lígia Neves (2006), mas as publicações são muitas, incluindo textos que foram publicados no Caderno G do jornal local Gazeta do Povo, no caderno 2 de O Estado de São Paulo, no caderno Mais! da Folha de São Paulo, Correio de Notícias, Diário do Paraná e em periódicos como a Revista Cult, Nicolau, Oroboro, Panorama, Quem, Revista USP, Senhor, Vogue e a própria revista Ficções, onde na primeira edição está a colaboração do autor que assina o conto que será abordado neste trabalho: *Minha história deles*, 1998.

Se no cinema Xavier foi reconhecido e premiado por suas realizações, na literatura não foi diferente, embora isso tenha acontecido de maneira tardia, foi em 1999 que *O Mez da gripe e outros livros* recebeu o prêmio Jabuti na categoria melhor publicação editorial. Neves afirma que esse reconhecimento, que surge principalmente depois da coletânea de publicações do autor serem organizadas e lançadas por uma grande editora, a Companhia das Letras, tem explicação na “existência de diversas instâncias responsáveis pela projeção do artista, as quais compreendem não apenas à tríade autor-obra-público, mas

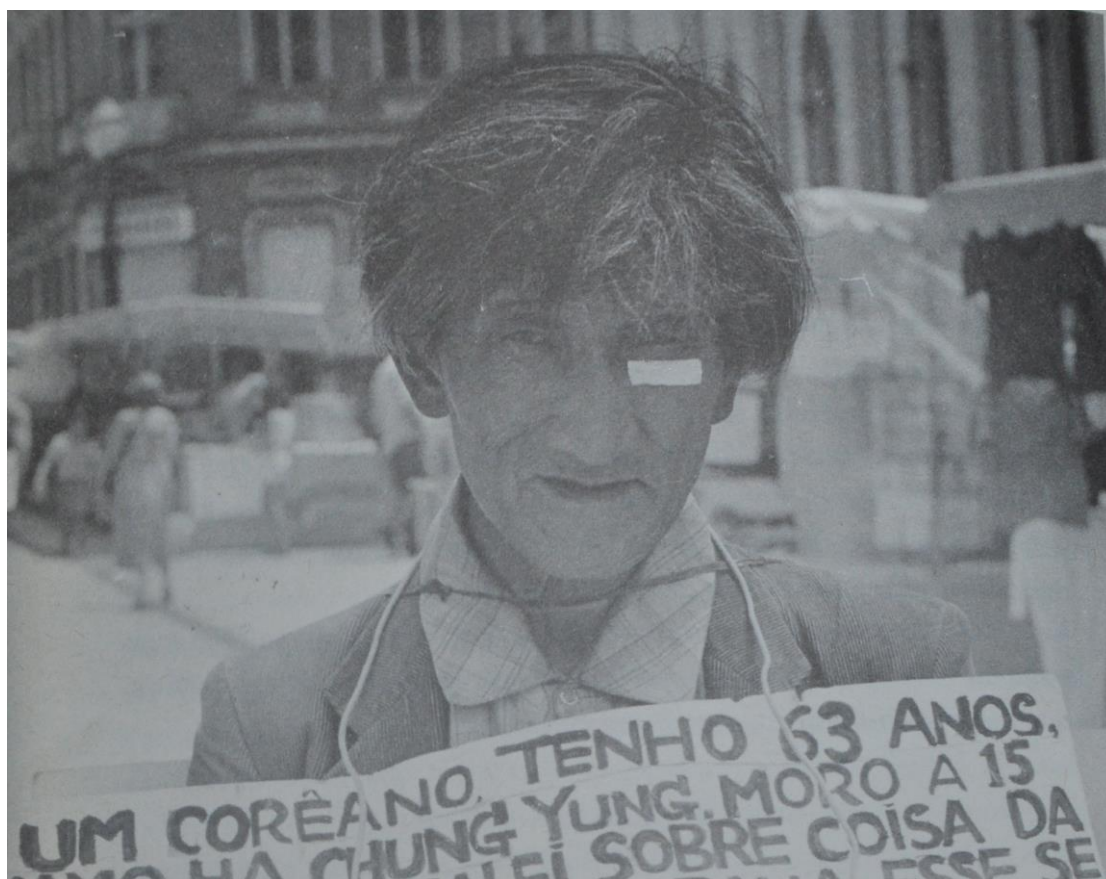
também os elementos que se interpõem nela, e que formam o circuito produção-distribuição-circulação” (2006, p.38).

O reconhecimento tardio, para Neves, é atribuído a um conjunto de fatores que ela enumera como: a localização geográfica do autor, que viveu fora dos grandes centros culturais do país (concentrados principalmente nas capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro) impondo ao autor uma valoração inferior pelo mercado livreiro, pelo público leitor e pelas pessoas responsáveis pela construção das críticas literárias. O segundo ponto diz respeito à essência inovadora de seu trabalho, que por não contar com precedentes, não possibilitava mensurar a aceitação do público diante do formato proposto. Outros aspectos apontados são: qualidade inferior dos primeiros suportes utilizados para as publicações no início de sua carreira, pela demora no barateamento do custo da produção literária no país, que só veio depois da implementação do plano Real, quando passou a haver um barateamento da produção - com decorrente expansão do mercado, com o aumento do número de livrarias, feiras voltadas para o segmento e pequenas editoras, propiciando uma maior visibilidade para os artistas (NEVES, 2006, p. 39).

Visibilidade que Xavier, mesmo ainda não sendo percebido pelo grande público, sempre tentou dar aos temas retratados por ele, fossem no cinema, na literatura ou no meio jornalístico. Trabalhos que carregam consigo temas das mais variadas vertentes, demonstrando a pluralidade do autor não apenas na maneira como as montagens eram produzidas, mas também no que cada um dos textos retratava. A gripe espanhola na capital paranaense no início do século XX, retratadas a partir de fragmentos de dois jornais; enredos sobre crimes que foram inspirados em notícias da época; sexualidade sob diferentes perspectivas; esses e tantos outros foram os temas tratados pelo autor que mesclou ficção com fragmentos do real, propondo, inclusive, uma discussão sobre a realidade das representações documentais e ficcionais. A partir das montagens presentes em sua literatura, Xavier fundiu aspectos do real e do inventivo sem deixar a entrever o que de fato é verídico ou criado, dando forma a um conjunto de representações, cabendo ao leitor encontrar a medida da própria interpretação suscitadas pela obra.

4. O OUTRO

Sobre essa realidade que se combina à ficção vamos abordar um conto específico, apontando possibilidades de interpretação combinadas com o contexto social na qual a história se encontra. *Minha história dele* foi publicada em 1998 na Revista Ficções e ocupa quatro páginas do primeiro exemplar do periódico. Numa descrição literal a composição da obra se dá pelo título seguido do crédito do texto e das imagens (fotos: Rubens Esmanhoto), seguido por um plano médio de um homem, com características físicas que apresentam traços orientais, que deixa a ver que esse segura um cartaz, onde se consegue ler: “ Um coreano, tenho 63 anos, [...] Ha Chung Yung, moro a 15 [...] sobre coisa da”.



Na sequência da foto está um escrito por letras desenhadas, como numa continuação do cartaz que apenas se inicia na mão do homem e é completado pelo autor que apresenta sua própria versão para a história contada pelo personagem escolhido.

“Gente ajudem divulgando ao outro (avisar)
os cidadãos podem acreditar neste perigo o caso
desta ameaça para o ser humano, quem tem
arma super dirigível acertando suas atingida
meu relatório desse crime de paranaenses e
japoneses ambos especialistas atacantes esse
dando sério contra os ossos do corpo humano, o
cidadãos vocês saberão existindo um perigo
já mataram 4 pessoas em Curitiba faz anos
atrás, os malandros têm olhos especiais tec-
-nologia alemã com isto apontam e disparam
suas uso da sofisticada ligação, aqueles invi-
-síveis que aparelho soltam e vindo através de
à distância onde eles manipulam com seus uso
modernos equipamentos, sou um alvo, sou vítima
de lá fixada aqueala tomada de não identificado”

Na lateral do texto apresentado está “PIDO S.O.S.”. Claro que a disposição dos elementos na página fazem diferença na leitura que cada um vai apresentar e inclusive no significado colocado pelo autor, por isso a tentativa por descrever aquilo que se apresenta.

A segunda página é composta inteiramente pela imagem fotográfica do mesmo sujeito, que parece estar no centro de Curitiba, num plano aberto, onde é possível ver o cartaz completo preso ao corpo, com letras apertadas, algumas frases às quais é difícil atribuir sentido, expressando uma grande confusão, segurada pelo homem que para além da estática da fotografia parece congelado naquele pedaço de mundo confuso, ao passo que ao seu lado está montada uma feira, onde pessoas caminham com aparente tranquilidade, sem dar conta do homem que destoa do restante do contexto da imagem. Ao final do cartaz está um pedido de colaboração de “1 Real”, e a calçada de petit-pavé; ao fundo pessoas, barracas e prédios históricos. Como nenhuma das imagens possui data é possível deduzir que as fotografias foram tiradas entre 1994 (quando o plano real entrou em vigor e 1998, quando a revista foi publicada).



Ha Chung Yung, diz ter 63 (o que a imagem parece confirmar), afirma viver no Brasil há 15 anos e a partir disso conta uma história que diz ter vivido no interior do Paraná, onde, segundo os dizeres do cartaz, foi torturado e por “malandros japoneses e brasileiros ambos torturadores afronoides”, alega que membros da polícia civil e militar estão envolvidos e lhe fizeram ameaças. A

construção do texto dá realmente a entender que ele foi escrito por alguém que ainda tem dificuldades com o idioma local, apresentando uma barreira para o entendimento da mensagem, que dessa forma soa como a própria inspiração dadaísta do autor (uma construção aberta a múltiplos significados), se tornando uma obra de arte composta pela realidade e remontada por Xavier.

Sobre essa inspiração vinda do rompimento de uma corrente artística no início do século XX, o autor carrega em suas montagens o reflexo dessa ruptura.

No Dadaísmo, há dois movimentos claros: a destruição e a desmontagem da destruição. Ao romperem com as normas tradicionais de construção de texto, escrevendo de baixo para cima, da esquerda para a direita, sem paginação, não obedecendo à uniformidade tipográfica os dadaístas causaram grande impacto. Essa “travessura tipográfica” indicia não algo acabado, mas um processo em aberto, em movimento, capaz de resgatar a individualidade, proporcionar efeitos de sentido, pois no Dadaísmo o importante é o gesto, o processo inventivo, não a obra. A finalidade do movimento consiste, principalmente, em resistir à sedução das formas prontas, sem originalidade [...]. O dadaísmo exige a completa destruição dos meios correntes e exaustos de expressão. Substitui o niilismo da cultura estética por um novo niilismo, que não só questiona o valor da arte mas a situação humana como um todo. (CHICOSKI, 2004, p. 90-91)

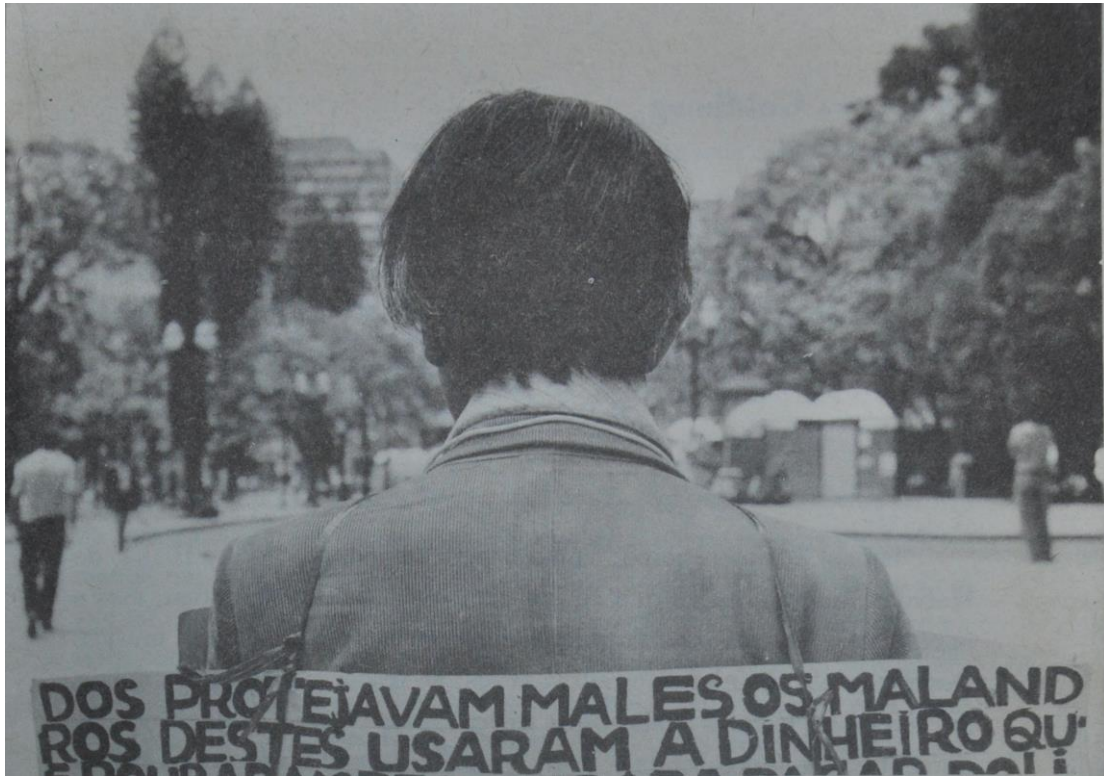
Nesse conto em específico, essas características estão muito presentes, não apenas pela montagem feita pelo autor, mas por aquilo que as próprias imagens suscitam.

Na sequência da apresentação, o que se segue é uma nova imagem do homem, também em plano aberto, agora de costa para o fotógrafo, com a imagem ocupando toda a página. A impressão é de que ele não está mais no mesmo ponto da cidade, porque a posição da foto anterior com relação a distância das barracas ao fundo mostra que esse novo enquadramento não seria possível, por isso a ideia de que ele não está exatamente no mesmo local. Nessa imagem o homem carrega a continuação de sua história que segue num segundo cartaz pendurado em suas costas e também finalizado com o pedido “eu pedindo suas colaboração de ajuda para resolver a futuro justiça por 1 real”. No enquadramento as palavras pintadas no cartaz se confundem com a calçada de petit-pavé, redesenhando o mosaico do chão, como se aquilo representasse uma extensão do piso e daquilo que pode “ser pisoteado”. Nessa imagem ele parece ainda mais solitário, porque as outras pessoas que

também participam da imagem estão ainda mais afastadas, diferente da primeira onde a sensação é de invisibilidade, nessa o que transparece é solidão (estando uma diretamente vinculada a outra, parecendo expressar uma seqüência de sentimentos). Numa montagem lógica daquilo que parece ilógico.



Na última página o enquadramento é o mesmo da primeira imagem, mas desta vez o homem permanece de costas como na fotografia anterior, mas essa só ocupa parte da página sendo seguida pelos escritos do autor que completam novamente os dizeres do cartaz do personagem que compõe a montagem.



Seguem estas palavras desenhadas:

É perigo, usando tecnologia covardia deles, a
Todos que soltarem o disparo ocultado aparelho
Com olhos artificial desse capacita a disparar
Tele-transmitida contra alvo (eu) ou qualque-
R pessoa, vou explicar que aqueles moleques
Japoneses operam e atacam com maldade
São sombras no matador por gosto que fazem
atacar contra pessoa anciã, eles atacam com
maldades de uso estúdio, experimentam com a
isso, estourar para a gente, pois a vitima (eu)
recebo forte tocada invadido sinto por lan[letra ilegível]ado
de lã sua escondriilo, esse invisível luz de velo-
cidade vem com relampaguear invade dentro

no corpo da vítima na hora, e o efeito da
transmitida pega o osso corporal e todos
local do interno da corpo, eu deformeí rōsto [letra ilegível]
-causa disto por agressão abusivo de ataque,
vítima falo – ha chung yung.
Acabou a história dele.

E assim ele finaliza o conto, que num primeiro momento se faz muito confuso, porque a motivação é por buscar sentido naquilo que não tem. O leitor provavelmente tentará primeiro interpretar os escritos do autor, para depois refletir um pouco mais (não tendo encontrado sentido claro numa primeira leitura), é possível então perceber que a lógica não está nas palavras escritas, mas no olhar atento para toda a configuração apresentada nas páginas. Ali o personagem principal se apresenta como sendo um imigrante, e para aquilo que o autor nos direciona, este sofre violência, as quais ele não sabe expressar, por encontrar barreiras como o próprio idioma e a falta de visibilidade que impossibilitam que sua voz ecoe, mostrando que o seu lugar social é negligenciado, mesmo que não saiba explicar por quem ou como.

A partir da obra descrita é possível compreender em que medida Xavier usou da pluralidade de linguagens para descrever também um realidade plural, onde as interdependências presentes nas relações sociais não estão postas a olho nu e é preciso, assim como na sua construção, um olhar mais atento para desvendar a sutileza dos elementos que não estão claramente postos. Sobre isso Calvino “comenta que alguns autores tentam compreender e representar a realidade como uma rede de conexões entre fatos, pessoas e coisas, em que existe a ‘presença simultânea dos elementos mais heterogêneos que concorrem para a determinação de cada evento’ (citado por ROCKER NETO, 2008, p. 58). Características que se enquadram perfeitamente ao escrito apresentado e que agora precisa ser abordado a partir daquilo que não está escrito, mas contido na construção do autor, numa das possibilidades de abordagem dessa obra - que é aberta e construída também com base na soma das referências daquele que a interpreta.

5. A REPRESENTAÇÃO DE UM REAL OCULTO A PARTIR DO PERSONAGEM APRESENTADO PELO CONTO

As fotografias utilizadas não estão datadas, mas o tempo pode ser mensurado através do plano monetário em vigor: o real, sabendo o conto ter sido publicado em 98, elas foram tiradas entre 94 e o referido ano, levando em consideração o personagem alegar em seus relatos ter sofrido agressão no interior do estado no ano de 1988 e estar há 15 anos vivendo no Brasil. Assim podemos concluir que ele pode ter chegado ao país entre 1979 e 1983.

Sobre isso podemos refletir partindo de diferentes aspectos que se somam para garantir sua condição de invisibilidade. Vamos ao primeiro.

O personagem da imagem se apresenta como coreano, a partir disso vamos abordar alguns aspectos do local de fala em que esse sujeito se coloca. Os primeiros pontos a serem observados nesse momento são históricos, tratando sobre o local de origem daquele que é destaque no conto.

A Coreia é um país historicamente submetido ao domínio de outros povos. Considerando a história do país a partir do início da colonização brasileira, podemos dizer que primeiro foi submetido ao domínio chinês, período composto por séculos (antes já era alvo de disputas territoriais envolvendo principalmente os mongóis, os chineses e japoneses), com uma grande influência sobre a cultura do país, isso pode ser percebido na religião: antes budista, os coreanos adotam o confucionismo como doutrina, além de influências econômicas e culturais.

Mais tarde, já no final do século XIX, é o Japão, que num processo de expansão territorial, a fim de se tornar a maior potência da Ásia Oriental, apoia a revolta coreana, contra a dominação chinesa, com a intenção de auxiliar na conquista da independência do país. Independência que a Coreia conquista depois da revolta de 1885, mas que não garantiu autonomia ao país, que foi anexado em 1910 pelo Japão. Dominação que mesmo não extinguindo a existência da Coreia como nação foi caracterizada por violência militar e cultural imposta pela terra do sol nascente, conforme afirma a pesquisadora Hee Jeung Hong, indicando rupturas drásticas causadas pela nova configuração: “o ensino da língua coreana nas escolas foi substituído pelo ensino do japonês, sociedade e costumes modificaram-se profundamente,

indústria e economia integraram-se por completo no sistema de produção japonês e verificou-se acelerado processo de expansão” (p. 19, 2010).

As imposições nipônicas não foram aceitas com tranquilidade pelos coreanos, que em 1919 fizeram a primeira grande investida contra a anexação. Essa reação nacionalista foi fortemente repreendida pelo governo japonês responsável, por mais de 20 mil mortes e cerca de 50 mil prisões. O período considerado colonizador durou até o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), que teve por desfecho a rendição do governo japonês, após a explosão das duas bombas atômicas disparadas pelo governo norte americano.

Em 1948 o território é dividido e surgem as Coreias do Sul e do Norte: a primeira apoiada pelo governo norte-americano vivendo sob um regime capitalista e a segunda, influenciada pela União Soviética, segue sob um regime comunista. A divisão do território também não se mantém de forma pacífica, dando origem a um novo conflito, desta vez no formato de guerra civil, que tem início em 1950, com a invasão-surpresa realizada pela Coreia do Norte ao território sul-coreano. Com a intervenção das Nações Unidas e o envio de cerca de 140 mil soldados em defesa da Coreia do Sul, a invasora é obrigada a recuar, num processo que teve a duração de três anos, o conflito é encerrado com o acordo de paz.

A divisão dos territórios foi reestabelecida: Coreia do Sul e do Norte. Esta última se mantém sob diretrizes totalitárias, que impossibilitam a migração das pessoas que vivem em seu território; já a primeira se mantém sob regime capitalista – passível de migração. Portanto é sobre essa que continuaremos a tratar.

A Coreia do Sul, a partir de 1954, teve duas repúblicas que se seguiram. O regime republicano foi interrompido por um golpe militar realizado em 1961, mas em função da resistência civil, já em 63, o então presidente general Park Chung Hee (nomeado pelo regime militar) convocou eleições. Nessas eleições Park concorreu como candidato pelo Partido Democrático Republicano e foi eleito, dando origem a terceira república. Com o uso de manobras políticas Park estendeu seu mandato até 1979, quando foi assassinado. Em decorrência do crime o país ficou novamente sob o comando de militares (não eleitos).

Park havia conquistado avanços para a economia local, com crescimento do Produto Interno Bruto chegando a 11,2% ao ano, com aumento

considerável nas exportações, além da expansão da indústria de construção - que obteve, inclusive, contratos no exterior. Depois da morte do presidente eleito e a retomada do poder pelos militares os focos de resistência civil foram combatidos, e dentre as ações voltadas para este fim, universidades foram fechadas. No ano seguinte, 1980, um governo provisório foi eleito, mesmo assim o país sofreu com o enfraquecimento da economia e um alto grau de corrupção política, somado ao estremecimento das relações com a Coreia do Norte. Prova de que as relações com o país vizinho não estavam estabilizadas foi um atentado ocorrido em 1983, quando um avião ocupado por diplomatas sul-coreanos foi atingido por mísseis soviéticos (país aliado da Coreia do Norte).

Esta breve contextualização mostra que a Coreia é um território historicamente marcado por conflitos e é nessa conjuntura política que de alguma forma o personagem de Valêncio estava inserido em seu país de origem. Agora é preciso compreender em qual contexto ele se insere quando chega ao Brasil.

6. IMIGRAÇÃO ASIÁTICA NO PAÍS

Os primeiros imigrantes coreanos chegaram em 1956. Foram 50 fugitivos de guerra.

“Com o final da Guerra em 1953, alguns capturados pelas tropas da ONU não quiseram voltar para sua terra de origem e tampouco permanecer na Coreia do Sul, devido ao choque durante a Guerra. Eles abandonaram sua nacionalidade coreana e foram para a Índia, país neutro. Após dois anos de estada na Índia, o Brasil ofereceu-se para acolher os ex-prisioneiros que, ao desembarcarem no aeroporto do Rio de Janeiro, em 6 de janeiro de 1956, cantaram o Hino Nacional brasileiro. (CHOI, 1991, p.235)

O processo migratório dos coreanos ao Brasil passa por um caminho mais complexo que esse, no qual o movimento migratório não tem sua origem na década de 50. Choi afirma que são cinco fases que compreendem a história desse processo. A primeira seria formada pelo que ele denomina de *fase pré-imigratória*, quando pessoas vindas dessa região da Ásia entraram no país como japoneses, já que entre 1910 e 1945 a Coreia estava sob condição de colônia do Japão, dessa forma vieram para o Brasil muitos coreanos naturalizados japoneses. A segunda etapa é descrita como *fase de imigração semi-oficial*, iniciada em 62 pelo início de negociações que visavam estabelecer formas de aumentar o número de coreanos vindos ao Brasil. Já em 63 as iniciativas dão certo e formalizam a *fase de imigração oficial*, com a entrada de mais de 1.300 coreanos que chegaram ao longo dos três anos que seguiram, grupo formado por agricultores. Em 1971 foram mais 1.400 pessoas, agora tratavam-se de técnicos contratados por meio da Companhia Oficial de Desenvolvimento da Coreia no Exterior.

Em 72, o ciclo é interrompido e dá origem à *fase clandestina*, que perdurou até 1980, nesse período os imigrantes entravam no país através das fronteiras com Paraguai, Bolívia e Argentina. E a quinta e última fase descrita pelo autor corresponde a de *imigração em cadeia*, onde a vinda de coreanos é reflexo dos convites recebidos pelos familiares que já estão estabelecidos no Brasil.

Sobre a primeira fase descrita pelo autor, como sendo um período onde os imigrantes dessa região do mundo entravam no país como japoneses por

estarem naturalizados como tal, é possível afirmar que estes sofreram os mesmos impactos que os de origem japonesa. Impactos que no final do século XIX e início do XX estavam diretamente relacionados com o pensamento de membros da elite intelectual e da política brasileira que falavam em branqueamento da nação. Estavam também ligados ao afastamento cultural entre as práticas vigentes no Brasil e na Ásia, diferenças culturais que classificaram orientais como “inassimiláveis” e tinham origem nessas diferenças e na prática daqueles que mantinham seus hábitos de origem (completamente comum para aqueles que migravam em grupos e estabeleciam colônias em seus territórios de destino), mas que no caso dos japoneses eram responsáveis pelo surgimento de ideias como a do “perigo amarelo”.

Sobre as ideias de branqueamento que permearam a política brasileira, essa ecoou durante muitas décadas. Um exemplo foram as primeiras tentativas de estabelecer uma parceria entre governo brasileiro e japonês, para um futuro envio de imigrantes. Essas pessoas serviriam de mão de obra para o campo, visto que a escravidão já havia findado, exigindo que outros trabalhadores substituíssem os negros libertos. Para que a parceria fosse estabelecida, em 1892 foram abertas embaixadas e consulados brasileiros tanto na China quanto no Japão, mas a prioridade foi dada aos últimos, que eram tidos por pessoas, como José da Costa Azevedo destaca, capazes de “receber a civilização e os costumes de povos cultos [uma vez que] ... os japoneses têm, em geral e naturalmente, qualidades jamais consideradas nos chineses” (LESSER, 2001, p. 156). Azevedo era um dos responsáveis pela missão de identificar as melhores opções para compor a mão de obra necessária para o desenvolvimento da agricultura no país.

Mesmo apresentando uma fala que coloca o japonês como povo sem cultura, que precisa assimilar o conhecimento do outro para se afastar, em certa medida, de sua inferioridade, ele é colocado pelo enviado como povo passível de assimilação², contrariando a ideia vigente de que esse era uma

² Assimilação é colocada aqui no sentido de incorporação de hábitos culturais vigentes no território de destino do imigrante.

“raça”³ que apresentava impossibilidade de adaptação. Embora existissem pensamentos como o descrito, eles ainda se contrapunham a opiniões como a de Manuel de Oliveira e Lima, ministro plenipotenciário do Brasil em Tóquio. Ele afirmava que seria “um perigo que oferece de uma maior mistura de raças inferiores na nossa população” (LESSER, 2001, p.157). Pensamentos como esse colaboraram para impossibilitar, em parte, a vinda de orientais para o Brasil, que sempre ofereceu políticas muito mais favoráveis para a vinda de famílias europeias ao país, só favorecendo outras etnias, onde se inclui principalmente as orientais, quando a mão de obra era insuficiente para a demanda e as opções europeias não eram viáveis. Dessa forma tentando construir uma nação menos miscigenada, tendo como base a supremacia branca e a impossibilidade de se formar uma nação tida como superior a partir de “raças” tidas como inferiores.

Em 1908, enfim, chegam ao Brasil as primeiras famílias de japoneses. É importante contextualizar esse período, visto que entre os japoneses, estavam os coreanos naturalizados. Sabendo que esses sofreram da mesma forma com as dificuldades que o período e o deslocamento impuseram aos viajantes.

Sobre a questão do “perigo amarelo”, esse se consolidou durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil (1942) declara apoio aos Aliados contra os países do Eixo, sabendo ser o Japão um dos países membros. Nesse período os imigrantes dessa origem foram investigados dando origem a um prontuário temático intitulado *Niponismo*, que de acordo com Dezem chegou a formar três volumes. Ainda de acordo com o autor, o discurso antinipônico já existia mesmo antes da vinda dos primeiros japoneses para o Brasil (2005, p. 29-30), argumento que se consolida nos elementos históricos apresentados e que só vai se alterando de maneira gradativa, com a constatação de que a ameaça não se configurou em realidade e com a ideia de contribuição do grupo étnico para a economia nacional.

Nesse contexto o imigrante coreano está inserido, em parte por ter sido colônia japonesa, como mencionado anteriormente, em parte por compor a

³ Raça era um conceito utilizado na época para definir diferentes etnias, hoje é sabido que não existe distinção que se apoie na biologia humana, sendo essa a única raça possível. De qualquer forma a palavra segue sendo usada para remeter a uma distinção de época, nunca dissociada de seu tempo.

região do extremo oriente, formando o que Dezem descreve como as *matizes do amarelo*, estando diretamente vinculado aos estigmas e a história de intolerância que permeia a vinda dos imigrantes oriundos da Ásia.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa ficcional construída a partir de fragmentos de real, que mesclam imagem e escrita, dando a mesma medida e importância para ambas, é marca de Valêncio Xavier. O autor, que se apresenta como homem da imagem, consegue atrair o leitor por meio da falta de obviedade de sua obra.

Em cada linha escrita e em cada detalhe das imagens que estão colocados no conto *Minha história dele* o leitor é convidado a descobrir quem é Ha Chung Yung. Um imigrante coreano que se apresenta como oprimido e invisibilizado, mas que ganha voz na obra do autor.

Partindo da construção de Xavier a narrativa transcende o papel e se coloca para além das páginas da revista onde o conto foi publicado, nos leva a perguntar de que forma aquele homem de traços típicos está inserido no contexto histórico. O que tornou possível que aquele momento existisse para ser registrado? Essa pergunta só pode ser respondida se formos além do que está posto e foi isso, que de forma breve a pesquisa buscou fazer.

Para entender quem é Ha Chung Yung foi preciso entender de onde ele partiu, um país dividido pela guerra, explorado e ocupado historicamente pela China, Mongólia e Japão, depois dividido entre dois sistemas políticos: comunista e capitalista. Ele chega ao Brasil entre 79 e 83, período marcado pela entrada clandestina de coreanos via Bolívia, Paraguai e Argentina, o que pode ser o caso desse personagem específico, visto o tratamento que alega ter recebido das autoridades, não apresentando traços de possuir parentesco próximo, visto que o mecanismo de fala é um cartaz que leva ao corpo para denunciar os maus tratos. O coreano ainda carrega consigo os estigmas relacionados aos povos de origem asiática e que ficaram conhecidos como amarelos. Relacionados em diferentes períodos como povos preguiçosos e pouco afeitos ao trabalho no campo, os coreanos estão mesmo mais vinculados ao comércio, em sua maioria instalados no estado de São Paulo. Produto e produtor de estigma, que fica claro quando no texto apresentado pelo personagem diz ter sido torturado por “malandros japoneses e brasileiros ambos torturadores estes descendentes afronoides”.

No Brasil corriqueiramente orientais são tomados por como única etnia, coisa que não expressa as barreiras culturais e políticas que existem entre os países de origem, em muitos casos a imagem pejorativa ou positiva se estende de um para outro povo, tomando escalas distintas, mas unificando diferenças que, de maneira nenhuma, são passíveis de junção ou de generalização mesmo quando se trata de um único grupo. Isso pode ser evidenciado a partir do levantamento realizado e em aspectos colocados no conto, como a invisibilidade e a solidão do imigrante, que por diferentes motivações (que não podem ser mensuradas sem o devido conhecimento do agente, mas apenas conjecturadas a partir de contextos históricos impostos a todos num período e local específico) decidiu deixar seu país de origem e parece encontrar fortes barreiras para a melhoria nas condições de vida, visto as denúncias e a situação de esmolagem. O imigrante ali está vinculado ao desajuste, que pode ser percebido inclusive no formato da narrativa. Minha história dele é como o próprio personagem: desajustado dos formatos tradicionais de construção ficcional.

A literatura de Valêncio Xavier é um convite para ir além, onde a mescla da narrativa já remete a confluência de vários elementos que só unidos podem dar forma a algo que se assemelhe ao real. E foi esse ir além que essa pesquisa buscou percorrer.

8. REFERÊNCIAS

BORBA, M. S. A poética de Valêncio Xavier: anacronismo e deslocamento. Tese apresentada à UFSC, 2009. Acessado em 15 junho de 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92190/267267.pdf?sequence=1>.

CARNEIRO, M. L. T. A imagem do imigrante indesejável. São Paulo: Revista Seminários, n. 3. Disponível em: http://www.usp.br/proin/download/revista/revista_seminarios3_imagemimigrante.pdf. Acessado em 21 de agosto de 2016.

CENTRO DE PESQUISADORES DO CINEMA BRASILEIRO. As muitas vidas de Valêncio Xavier. **Solange Straube Stecz e Ana Pellegrini Costa**.

CHICOSKI, R. Eros e Tanatos no discurso labiríntico de Valêncio Xavier. Tese apresentada à UNESP, 2004. Disponível em: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/106352/chicoski_r_dr_assis.pdf?sequence=1

HONG, H. J. Imigração e envelhecimento em São Paulo: perfil de um grupo de idosos coreanos. Dissertação apresentada à PUC-SP, 2010. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12372/1/Hee%20Jeung%20Hong.pdf>

CHOI, K. J. Imigração Coreana na cidade de São Paulo. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/73166>. Acessado em 14 de agosto de 2016.

DEZEM, r. Matizes do “amarelo”: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

LESSER, J. A negociação da indetidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

NEVES, L. A. Um estudo sobre a escrita literária de Valêncio Xavier. Maringá, v. 28, n. 1, 2006.

REVISTA CÂNDIDO. Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Dezembro de 2013, número 29.

ROCKER NETO, J. O mosaico de linguagens na narrativa hipertextual de Valêncio Xavier. Dissertação apresentada à UFPR, 2008. Acessado em 17 de junho de 2016. Disponível em <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/>

1884/17910/O%20mosaico%20de%20linguagens%20na%20narrativa%20hipertextual%20de%20Valencio%20Xavier.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

TAKEUCHI, M. Y. A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado. São Paulo: Revista USP, n. 79, p. 173-182 setembro/novembro 2008.

XAVIER, V. Minha história dele. In Revista Ficções. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro Editora, 1998, ed. nº 1.